

Carta do editor

Mudanças

Com o objetivo de melhorar cada vez, estamos introduzindo quatro mudanças na apresentação gráfica de nosso periódico:

- (1) tradução do título para o inglês,
- (2) data de tramitação dos manuscritos
- (3) endereço do autor para correspondência
- (4) margens levemente ampliadas

As três primeiras alterações atendem a uma sugestão da Associação Brasileira de Editores Científicos. A última é um pedido de nossos leitores, que queriam um espaço maior, possivelmente para fazer anotações e interagir mais abertamente com os autores, de certa maneira acompanhando a ação das margens, como torcedores privilegiados num campo de futebol. Esperamos, com as mudanças introduzidas, contribuir ainda mais para facilitar essa interação entre autores e leitores.

NESTA EDIÇÃO

Predomina nesta edição a questão da escrita, desde o ensino da dissertação em escolas do ensino médio até a produção científica dos pesquisadores. Na parte de ensaios, apresentamos dois trabalhos sobre pesquisa, com destaque para a idéia de que o pesquisador é questionador compulsivo. Na parte livre da revista, destacamos as en-

trevistas feitas com Anita Wenden e Flávia Vieira, sobre a questão da autonomia na aprendizagem.

As pesquisas

A seção de pesquisas inicia com o trabalho de Vanilda Köche sobre *O ensino da dissertação no ensino médio: características, problemas e alternativas de solução*. A autora analisa em profundidade a prática docente de professores de língua portuguesa sobre o ensino da dissertação em escolas de ensino médio de uma cidade gaúcha. Apresenta alguns problemas na concepção desses professores caracterizada pela ausência: ausência de interlocutor, de reescritura dos textos, de suporte teórico etc. e algumas sugestões de melhoria, com ênfase na ampliação do conhecimento teórico por parte do professor. Em termos práticos, a sugestão de pedir para os alunos que leiam seus próprios textos pareceu-me interessante não só para aliviar a carga do professor, mas também para dar ao aluno um interlocutor real.

No texto seguinte, Désirée Motta-Roth em *Comunidade acadêmica internacional? Multicultural? Onde? Como?* analisa as práticas de escrita, leitura e publicação de lingüistas aplicados do Brasil, com enfoque na percepção que se tem da qualidade do próprio trabalho e da hegemonia da língua inglesa na divulgação do trabalho científico. Embora a publicação de um trabalho no exterior ainda seja considerada uma garantia de qualidade, há também a percepção de que é necessário publicar no país.

Encerrando a primeira parte, Cleudemar Alves Fernandes, em *Palavra ponte entre mim e os outros: Um estudo do conceito de interação em trabalhos científicos*, investiga o conceito de interação em artigos acadêmicos,

partindo do embasamento teórico de Bakhtin. A conclusão é de que os autores dos trabalhos analisados apresentam três concepções de interação: “Tem-se uma acepção genérica, sem rigor teórico, sem preocupação conceitual; tem-se o emprego da teoria da interação verbal formulada por Bakhtin em propostas de estudos lingüísticos e até mesmo de ensino de língua; e, por último, tem-se a análise de aspectos lingüísticos na interação face a face, abordando contextos micro de interação.”

Ensaio

A seção de ensaios retoma a questão da pesquisa, quer abordando a questão do professor pesquisador quer explorando mais filosoficamente o problema da pergunta.

Em “*É pesquisa, é? Ah, não quero, não, bem!*”: *Sobre pesquisa acadêmica e sua relação com a prática do professor de línguas*, João A. Telles analisa os conflitos que podem existir entre pesquisadores e professores, causados principalmente pela falta de sensibilidade e compreensão dos pesquisadores, segundo o autor. Defende a idéia de uma parceria entre ambos, partindo da iniciativa do pesquisador, onde o professor deixa de ser apenas um receptáculo para se transformar em agente, auxiliando na produção do conhecimento relevante tanto para o contexto acadêmico como para o contexto da prática. Para isso, algumas modalidades de pesquisa devem ser privilegiadas, incluindo: pesquisa etnográfica, pesquisa-ação, pesquisa narrativa, estudos de caso, pesquisa heurística. É através dessas modalidades qualitativas, provocadoras de reflexão, que professor e pesquisador construirão o conhecimento feito não de um mundo pré-fabricado mas de uma perspectiva dinâmica.

Em *On interrogation*, Paulo Sousa, Ricardo Pinheiro e Ricardo Silva analisam a interrogação de várias perspectivas, mas com ênfase na pesquisa filosófica e psicanalítica. Já do ponto de vista lingüístico pode-se facilmente demonstrar que uma pergunta nem sempre é uma pergunta: pode ser uma ordem (“Você poderia passar o sal?”) ou uma afirmação (“Quem não quer ser feliz?”), indo, portanto, além da teoria da sintaxe. A partir daí os autores revisam os principais teóricos da área, incluindo Cohen, Cadamer e outros, da perspectiva filosófica. Há também uma revisão da lógica fuzzy, apresentada como mais adequada para dar conta do fenômeno lingüístico da interrogação. A conclusão dos autores é de que na medida em que os pesquisadores são questionadores compulsivos, deveria haver um interesse maior em diversas áreas sobre a pergunta.

Seção livre

Finalmente, na seção livre da revista, destacamos as entrevistas com as especialistas Anita Wenden, dos Estados Unidos, e Flávia Vieira, de Portugal, falando sobre autonomia. Ambas apresentam uma dimensão social da autonomia, fugindo de um noção “autista” de aprendizagem. A Professora Vera Vieira faz uma distinção interessante entre “autonomia pela subversão ou resistência” e “autonomia por direito”.



Vilson J. Leffa
Editor